



A HISTÓRIA QUE DEU ORIGEM AO UNIVERSO DE

OS DOIS MORREM NO FINAL

O PRIMEIRO A MORRER NO FINAL

ADAM SILVERA

O
PRIMEIRO
A
MORRER
NO
FINAL

THE FIRST TO DIE AT THE END

ADAM SILVERA

TRADUÇÃO DE CARLOS CÉSAR DA SILVA
E JOÃO PEDROSO



Copyright © 2022 by Adam Silvera

Não é permitida a exportação desta edição para Portugal, Angola e Moçambique.

Os versos de T.S. Elliot, na página 89, são de tradução de Caetano W. Galindo, Companhia das Letras, 2018.

TÍTULO ORIGINAL

The First to Die at the End

PREPARAÇÃO

João Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

REVISÃO

Pedro Proença

ARTE DE CAPA

© 2022 by Simon Prades

DESIGN DE CAPA

Erin Fitzsimmons

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S592p

Silvera, Adam, 1990-

O primeiro a morrer no final / Adam Silvera ; tradução Carlos César da Silva, João Pedroso. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022. 544 p. ; 21 cm. (Os dois morrem no final ; 2)

Tradução de: The First to Die at the End

Sequência de: Os dois morrem no final

ISBN 978-65-5560-351-4

1. Ficção americana. I. Silva, Carlos César da. II. Pedroso, João. III. Título. IV. Série.

22-79400

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para todos que estiveram comigo desde o início.

*E também para Nicola e David Yoon,
meus vizinhos favoritos com corações gigantes.
Eles nunca deixam de me mostrar como o amor deve ser.*



PARTE UM

INAUGURAÇÃO DA CENTRAL DA MORTE

*Todos querem saber como nós prevemos a morte.
Digam-me uma coisa. Antes de entrarem em um
avião, vocês pedem que os pilotos expliquem a
aerodinâmica da aeronave, ou simplesmente viajam
até seu destino? Peço que não se preocupem com a
maneira como sabemos acerca das mortes e que pensem
apenas em como vão viver suas vidas. O destino final
pode estar mais próximo do que imaginam.*

— Joaquin Rosa, criador da Central da Morte

30 de julho de 2010
ORION PAGAN
22h10

A Central da Morte pode me ligar à meia-noite, mas não vai ser a primeira vez que alguém diz que vou morrer.

Nos últimos anos, tenho lutado pela minha vida por conta de uma doença séria no coração, sempre me borrandando de medo de cair duro caso eu viva muito intensamente. Nesse meio-tempo, uma empresa chamada Central da Morte apareceu do nada, alegando ser capaz de prever quando — e não apenas *se* — estaremos prestes a morrer. A situação pareceu a premissa de um conto que eu escreveria, mas a vida real nunca me traz conquistas assim. No entanto, tudo se tornou real demais, e rápido demais, quando o presidente dos Estados Unidos participou de uma coletiva de imprensa para apresentar o criador da Central da Morte e confirmar sua habilidade de prever nosso destino.

Naquela noite, eu me inscrevi na Central da Morte.

Agora só resta torcer para não ser a pessoa que vai receber a primeira ligação de Dia Final.

Mas, se for eu, pelo menos vou saber que para mim o jogo acabou. Acho.

Até lá, vou aproveitar a vida.

E isso começa indo a um evento único na história: a inauguração da Central da Morte.

A empresa está organizando várias festas por todo o país, acho que para levantar o astral e deixar todo mundo ansioso para o sistema que vai mudar a forma como encaramos a vida e a morte. Esses eventos já estão acontecendo em muitos lugares, como no píer de Santa Monica, na Califórnia; no Millennium Park, em Chicago; no Museu Nacional da Força Aérea dos Estados Unidos, em Ohio; e na 6th Avenue, em Austin; só para mencionar alguns. É claro que estou no melhor de todos — na Times Square, coração de Nova York e sede do primeiro escritório da Central da Morte. Amo minha cidade, mas ninguém nunca me veria na Times Square em plena véspera de Ano-Novo — é frio demais para valer a pena. Mas nesta noite quente de verão estou aqui, de boa, para presenciar algo histórico.

É insano pensar no tanto de grana que a Central da Morte deve estar investindo pelo país. Ou mesmo só aqui, na Times Square. Os telões estão sempre divulgando um milhão de coisas ao mesmo tempo, de refrigerantes a séries de TV e sites novos, mas hoje não. Cada tela exibe uma ampulheta preta com um fundo branco radiante. A ampulheta já está quase cheia, sinalizando as ligações de Dia Final que vão começar à meia-noite. Mas parece ser mais do que isso. É quase como se o produto que a Central da Morte está divulgando fosse o próprio tempo. O marketing está dando certo, porque as pessoas se aglomeram em filas nos guichês de informação como se um novo iPhone estivesse à venda, tudo isso para falar com o serviço de atendimento ao cliente da Central da Morte.

— Imagina como seria trabalhar na Central da Morte — comento.

Minha melhor amiga, Dalma, tira os olhos do celular para me encarar.

— Eu nunca ia conseguir.

— Sérico. É como se cada ligação estivesse salvando a vida de alguém, mas, na verdade, não está. Como dá para dormir sabendo que todo mundo com quem você falou naquele dia está morto?

— Sei que a morte está sempre na sua cabecinha, Orion, mas essa conversa mórbida está acabando comigo.

— Tecnicamente, a morte está sempre no meu *coração*.

— Minha nossa, eu te odeio. Vou arrumar um emprego na Central da Morte só para poder ligar para você.

— Até parece. Você não vive sem mim.

Não menciono que, em algum momento, ela vai precisar aprender a fazer isso. Ninguém acredita que eu vá viver mais dezoito anos. Nem mesmo Dalma, ainda que ela nunca admita isso em voz alta e sempre fale sobre tudo que vamos fazer juntos ao longo da vida. Tipo o quanto ela sonha com minha primeira sessão de autógrafos, quando eu levar a escrita a sério e tentar publicar meus contos supercurtos ou o romance que eu ia adorar escrever, isso caso eu ao menos acreditasse que vou viver tempo suficiente para terminá-lo. Ou quando sonha que fico torcendo por ela, enquanto Dalma estabelece seu nome no mundo da tecnologia da noite para o dia. Ou como reclamaríamos o tempo todo sobre os ficantes que levaríamos para casa, o que sempre foi difícil de acreditar, porque nunca seríamos tão ousados para chegar nos caras que achamos bonitos ou interessantes. Se eu não tivesse essa bosta de coração, poderíamos ter tudo isso e muito mais.

Só preciso ser uma pessoa presente. Pode ser que eu não esteja aqui no futuro, mas posso viver o aqui e agora.

Embora, de fato, seja meio difícil tirar a morte da cabeça — sim, dessa vez é da cabeça, não do coração — quando um cara na casa dos quarenta anos passa pela gente com um cartaz que diz A CENTRAL DA MORTE ESTÁ ACABANDO COM O MUNDO. Tipo, beleza, ele não curte muito a Central da Morte, mas afirmar que eles têm o poder de acabar com o mundo? Aí já é demais. E esse cara não está sozinho. Desde que anunciaram a Central da Morte no começo do mês, esses fatalistas não param de falar sobre o aquecimento dos oceanos, as tempestades avassaladoras, as rachaduras no solo e as cidades em chamas. Sei que livros apocalípticos e distópicos estão na moda, mas as pessoas precisam respirar fundo e se acalmar.

Surtar a respeito da morte a cada minuto não é um bom jeito de viver e, mesmo assim, a cada minuto milhões de pessoas surtam sobre a morte.

É como se o fim dos tempos estivesse mesmo começando.

Nos últimos dias, as invasões a supermercados bateram um novo recorde porque saqueadores tentaram estocar comida enlatada, galões de água e papel higiênico. Também houve muitos assassinatos, afinal as prisões perpétuas não vão durar muito se o mundo de fato acabar tão rápido quanto os fatalistas estão prevendo. Mas nada me atinge tanto quanto ouvir histórias de pessoas que tiraram a própria vida apenas porque nós estamos nos aproximando de um futuro com muitas incógnitas.

Quando soube dessas mortes, fiquei puto de verdade.

Como é que a Central da Morte pode ter acesso a esse tipo de informação e não impedir assassinatos ou intervir nos suicídios? Pelo jeito, isso nunca esteve em jogo. Eles alegam que não é possível identificar o motivo da morte

de uma pessoa, só seu Dia Final, para prepará-la. E, infelizmente, quando o nome de alguém aparece no sistema misterioso deles, o destino da pessoa já está com o pé na cova — assim como, mais tarde, estará seu corpo inteiro.

A Central da Morte pode não ser onisciente, mas vai fazer um verdadeiro milagre com a minha ansiedade. Se eu não receber a ligação de Dia Final, vou viver de um jeito mais audacioso em vez de pensar duas, três, quatro vezes antes de fazer qualquer coisa pelo simples medo de sobrecarregar meu coração e desencadear uma parada cardíaca. Também nunca mais vou ser pego de surpresa quanto à morte de entes queridos. Eu tinha nove anos quando meus pais foram a uma reunião no centro da cidade e morreram, pois um avião se chocou contra a torre sul do World Trade Center. Na época, obviamente não existia a Central da Morte, mas nunca deixei de ser assombrado pela ideia de que deve ter havido um momento preciso em que eles souberam que iam morrer.

Afasto esses pensamentos dilacerantes, lançando-os para longe da minha mente.

A Central da Morte vai garantir que eu nunca mais seja privado de despedidas.

Bem, vai garantir que eu não seja privado da oportunidade de fazer as *minhas* despedidas.

Meu coração me diz que não tenho todo o tempo do mundo.

Preciso viver minhas primeiras vezes — e talvez até mesmo as últimas — enquanto ainda é possível.

VALENTINO PRINCE

22h22

A Central da Morte não tem como me ligar, porque eu não me cadastrei no serviço deles. Não que fossem entrar em contato, afinal de contas, minha vida está apenas começando.

Para ser sincero, sinto como se eu tivesse renascido hoje.

Renascer parece ser a palavra apropriada para quem nasceu e cresceu em Phoenix, no estado do Arizona. Agora é hora de recomeçar minha vida em nada mais, nada menos do que Nova York. Indo do lugar conhecido como Vale do Sol até a Grande Maçã. Sonho com essa cidade há tanto tempo que, depois de pegar minha passagem no aeroporto e ler “PHX → LGA” no papel, comecei a chorar. A passagem só de ida significava que eu nunca mais ia olhar na cara dos meus pais. Que eu poderia construir um novo lar com minha irmã gêmea.

Talvez tivesse sido melhor não ter escolhido o assento da janela. Fiz o melhor que pude para ficar calmo enquanto o avião partia em disparada pela pista e depois se lançava no céu. No fim das contas, o meu melhor foi péssimo. À medida que os prédios, as estradas e as montanhas diminuíam pela janela, me pus a chorar sobre as nuvens. A pessoa ao meu lado nem disfarçou ao me julgar. Isso fez com que eu desejasse ainda mais que minha irmã estivesse comigo, como havia sido combinado antes de surgir uma oportunidade de trabalho de última hora. Por sorte, Scar-

lett vai pegar o primeiro voo noturno para me encontrar no nosso novo apartamento.

Cinco horas mais tarde, quando Nova York entrou em foco, tudo pareceu certo, mesmo eu nunca tendo pisado naquela cidade cheia de arranha-céus e parques. E então o avião pousou e eu arrastei as malas até o ponto de táxi, onde todo mundo parecia aborrecido por conta da espera, mas eu estava animado por finalmente poder andar naqueles carros amarelos que sempre vi na TV e nas revistas. O motorista percebeu que eu nunca tinha estado em Nova York, já que não parei de observar pela janela toda a vida que tomava conta das ruas da cidade. O primeiro passo na calçada foi coisa de filme, como se flashes de câmeras devessem surgir do nada para capturar a cena; mas haverá tempo para isso depois.

A partir dessa noite, desse momento, posso me chamar de nova-iorquino. Ou talvez eu precise esperar até que o proprietário do apartamento finalmente me entregue as chaves para que então possa ter certeza de que não caí em um golpe quando encontrei o conjugado na internet. Enquanto espero, dou uma olhada para assimilar esse meu cantinho no Upper East Side. Bem aqui do lado tem uma pizzaria pequena que, com esse cheirinho de pão de alho, está quase me convencendo a fazer uma visita. O som da buzina dos carros traz minha atenção de volta para a rua, então escuto um senhor com idade para ser meu avô berrar tão alto ao telefone que consigo ouvi-lo apesar da música ribombando no bar da esquina.

Eu amo o quanto essa cidade é barulhenta.

Será que um dia vou sentir falta da tranquilidade da minha antiga vizinhança?

Atrás de mim, alguém abre a porta, e ao me virar dou de cara com um homem vestindo apenas uma regata branca, short de basquete e chinelo. Ele tem um bigode grosso e cabelo preto ralo, e está me encarando.

— Você vai entrar? — pergunta ele.

— Oi, sou o Valentino. Novo morador do prédio.

O homem aponta para minhas malas.

— Dá pra ver.

— Estou esperando o proprietário.

Ele assente, mas não se move. Como se estivesse me esperando entrar.

— Você é o Frankie?

Ele assente de novo.

— Muito prazer — respondo.

Com relutância, Frankie me dá um aperto de mão.

— Vai entrar ou vai ficar aí parado?

Fui avisado de que nem todo nova-iorquino seria gente boa, mas talvez ele só esteja cansado, já que está bem tarde. Então, pego minhas malas para entrar no prédio. A noite está um pouco quente, mas quando entro entendo por que Frankie está vestido como se estivesse no Arizona, indo buscar o jornal na soleira da porta pela manhã. Está tão abafado ali dentro que é como se eu tivesse entrado diretamente no forno da pizzaria ao lado. O corredor é estreito, pintado num tom amarelo-mostarda que castiga os olhos, mas respeito a escolha. Há caixinhas de aço para correspondência presas nas paredes, pacotes no chão esperando para serem recolhidos por seus destinatários e uma lixeira cheia de rebarbas de cartas e folhetos da Central da Morte. Pelo visto, muitas pessoas no prédio não se inscreveram para receber as ligações de Dia Final. Eu mesmo não me cadastrei, porque meus pais são muito

céticos em relação a isso, e esse tipo de paranoia é só mais uma das coisas que herdei deles e preciso deixar no passado.

Frankie para depois de subir o primeiro lance de escadas e se vira para me perguntar:

— Cadê a outra?

— A outra...?

— Sua irmã gêmea.

— Ah, o voo dela só chega amanhã cedo.

Ele volta a subir.

— Se alguma outra caixa grande sua chegar, vá buscá-la o quanto antes. Subir com suas coisas por essas escadas acabou com as minhas costas.

— Me desculpa, de verdade.

Precisei enviar alguns itens antes de vir para cá, como um colchão inflável, toalhas, potes e panelas. Ainda assim, aposto que as principais culpadas pela dor nas costas dele foram as cinco caixas de roupas, calçados e acessórios, que são tão essenciais quanto garantir que terei um lugar para dormir até que meu colchão de verdade chegue na próxima terça-feira.

— O elevador não funciona?

— Está quebrado desde que meu pai gerenciava isso aqui — responde Frankie.

Dá para ver. Não sei se está dentro da lei divulgar que o prédio tem elevador se ele serve só de decoração, mas vou tirar proveito disso. Todos os anos que passei na academia minúscula que minha família tinha em casa me prepararam para essa situação. Carrego as malas, sabendo que cada uma delas pesa mais de vinte quilos, já que precisei pesá-las no aeroporto. Frankie não oferece ajuda, mas não tem problema. Quando chego ao terceiro lance de escadas, lembro

que meu apartamento fica no sexto andar. O suor começa a escorrer pelas minhas costas, e tenho certeza de que a partir desse momento vou poder pular os dias de perna em todos os meus treinos futuros. Perco o fôlego ao chegar no último degrau, mas — na verdade, sem “mas”. Isso tudo faz parte da minha iniciação à cidade. Nada faz com que eu me sinta mais como um verdadeiro nova-iorquino do que poder dizer que moro no sexto andar de um prédio sem elevador no Upper East Side.

Não há qualquer formalidade quando chego ao apartamento 6G. Nada de boas-vindas ao prédio, nem parabéns pela minha primeira casa longe do Arizona. Frankie apenas abre a porta e eu o acompanho, deixando minhas malas no minúsculo saguão. O banheiro está logo à esquerda e, apesar de saber que vou passar muitas horas por semana lá dentro fazendo minha rotina de *skincare*, quero explorar o espaço onde vou ficar a maior parte do tempo. E, assim que coloco o pé no restante do conjugado, o piso de madeira range com o peso das minhas botas. As caixas que chegaram antes estão encostadas na parede à esquerda, onde planejo colocar minha cama. Tem duas janelas que dão de frente para a rua e uma terceira acima da pia da cozinha, com vista para outro apartamento. Mas não tem problema. Vou comprar cortinas essa semana.

No entanto, o maior problema é que o apartamento é bem pequeno. Scarlett e eu estamos usando o dinheiro que nossos pais guardaram para a nossa faculdade para realizar nossos sonhos — ser modelo e trabalhar com fotografia — e esperamos fazer essa grana durar pelo máximo de tempo possível, por isso escolhemos o conjugado.

— Nas fotos do site parecia maior — comento.

— Eu que tirei aquelas fotos — responde Frankie.

— Estavam muito boas. Mas tem certeza de que postou as fotos certas para este apartamento? Nós esperávamos ter mais espaço.

Ele me encara.

— Você podia ter visitado antes de alugar.

— Eu não morava em Nova York. Acabei de chegar.

— Isso não é problema meu. Você e sua irmã dividiram um útero. Vão dar um jeito.

Torço para que, assim como o útero da nossa mãe, o conjugado se expanda conforme a nossa necessidade.

Para a sorte de Frankie, não gosto de confrontos. Não posso dizer o mesmo de Scarlett, mas essa é uma lição que ele vai aprender quando minha irmã chegar. O lado bom é que esta é só minha primeira noite na cidade, e já começou com uma torta de climão gigante com o proprietário. O contrato de locação é de um ano, e tenho certeza de que no final terei muitas histórias sobre esse período para contar aos meus novos amigos.

Ouçó alguém bater à porta, e um garotinho entra. Sou péssimo em adivinhar idades. Será que ele tem cinco anos, mas é alto, ou tem dez, mas é baixinho demais? Há algo familiar nele, mas, para ser sincero, não sei dizer o quê.

Ele está de pijama e acena para mim.

— Você é o vizinho novo? — pergunta ele com um sorriso.

— Sou! Eu me chamo Valentino.

— Meu nome é Paz.

— Nome legal, Paz.

— É um apelido para Pazito, mas só a minha mãe me chama assim. Também gostei do seu nome.

Essa é a melhor interação de boas-vindas até agora.
Antes que eu possa agradecê-lo, reparo em Frankie encarando Paz.

— Por que você está fora da cama? — pergunta Frankie.

— Estou com medo da Central da Morte.

Frankie esfrega os olhos.

— A Central da Morte não existe. Vai já para a cama.

Os olhos de Paz se enchem de lágrimas.

— Tá bom, papai.

O garotinho arrasta os pés até a porta, olhando por cima do ombro como se esperasse que o pai mudasse de ideia. Nada. Então ele segue pelo corredor em silêncio.

Eu queria muito chamar Paz e confortá-lo em relação à Central da Morte, mas suspeito de que eu não deva tentar passar por cima de Frankie bem na frente dele. Tenho certeza de que vai surgir outra oportunidade.

— Seu filho é legal — digo.

Frankie não olha para Paz de novo, só coloca dois molhos de chaves no balcão da cozinha.

— A chave grande é a do seu apartamento, a média é a do portão lá de baixo e a pequena é a da caixa de correio. Moro bem no fim do corredor, mas não me procure antes das nove ou depois das cinco.

— Entendido. Muito obri...

Ele se vira e fecha a porta ao sair.

— ...gado, Frankie — completo, para ninguém.

O conjugado não parece maior sem Frankie, mas felizmente também não está mais tão frio.

Olho para o relógio — são 22h31 — e penso em ligar para Scarlett por chamada de vídeo. Nova York está três horas à frente do Arizona, então ligo, torcendo para que ela ainda

não tenha saído para fotografar a comemoração de lançamento da Central da Morte que está acontecendo em Phoenix. Esse bico vai pagar um mês de aluguel e ainda vai sobrar o suficiente para passagens de metrô e refeições simples. Me sento no balcão enquanto espero Scarlett atender, vendo Frankie pela janela da cozinha. Óbvio que a vista que tenho é do apartamento *dele*. Frankie pega uma cerveja na geladeira, e espero que ele seja o tipo de pessoa que bebe e fica com sono, porque já está num nível bem insuportável.

Scarlett enfim atende à ligação e seu rosto aparece na tela, o que me anima no mesmo instante.

— Val! — Ela apoia o celular na pia do banheiro e começa a se maquiar. — Já está na nossa casa nova?

— Estou, sim.

— Deixa eu ver, vai, vai!

Viro a câmera para mostrar o espaço. Não leva muito tempo.

— É impressão minha ou...

— Não é impressão sua. É menor do que estava na descrição do anúncio.

— Por acaso o aluguel diminuiu também?

— O proprietário literalmente disse que nós vamos dar um jeito, já que compartilhamos o mesmo útero.

— Que fique claro que, se eu tivesse tempo de parar de passar o rímel, estaria revirando os olhos. Preciso dar no pé logo, logo. Por favor, me diga que você está indo para a Times Square.

Com esse trabalho de Scarlett e a campanha superimportante que consegui como modelo, nossos sonhos acabaram atrapalhando a comemoração da inauguração da Central da Morte. Mas não estarmos juntos não impediu

Scarlett de insistir para que eu fosse à festa da Central da Morte na Times Square.

— Sei lá, Scar. O *jet lag* da viagem...

Scarlett faz um barulho de buzina.

— Resposta errada. Você perdeu três horas, mas não está cansado. Conta outra.

— É melhor eu descansar para a sessão de fotos amanhã.

— Você vai estar agitado demais para dormir, Val. Então, em vez de ficar virando para lá e para cá nesse colchão inflável xexelento, vai lá conferir o que pode ser um evento histórico, ou a maior piada que esse país já viu.

— Eu ia amar ver o rosto dos nossos pais se a Central da Morte for verdade mesmo.

— Eu também, mas eu é que não vou ficar aqui para testemunhar.

— Você vem direto da festa?

— Com certeza. Principalmente depois da forma como eles te trataram mais cedo.

Ainda estou meio em choque. É como a pontada que vem junto de um arranhão nos cotovelos ou nos joelhos quando saio para correr e levo uma queda.

— Agradeço a solidariedade.

— Eu seria uma gêmea e um ser humano horrível se não ficasse do seu lado. Mas não vamos dar aos dois a vitória de pensar neles hoje, nem nunca mais. Num futuro bem próximo, eles não vão poder te ignorar porque seu rosto vai estar estampado pelo país todo, inclusive nas revistas que leem.

— Aposto que vão cancelar a assinatura.

— E isso significa que você venceu. Agora, vai para a Times Square antes que seu rosto esteja em todo o canto por lá também.

Respiro fundo, sabendo que ela está certa.

— Queria que você estivesse aqui.

— Eu também, mas o dinheiro que vou ganhar hoje vai dar para dois ingressos do nosso primeiro show da Broadway, bem na primeira fila.

— Você quis dizer um mês de aluguel, certo?

— A gente precisa viver um pouco.

— O que você disse me pareceu ser viver até demais.

— Você fala como se fosse uma coisa ruim, Val.

— Tem razão.

Eu decidi me mudar porque, desde que me abri quanto a minha sexualidade para os meus pais, a vida tem me sufocado. Eles fizeram com que eu me sentisse um estranho na minha própria casa. Achei que seria diferente quando eu passasse com as malas pela sala de estar, mas não disseram nada, nem quando Scarlett informou que era a última oportunidade que eles tinham antes de irmos para o aeroporto. Nossos pais ficaram quietos, como se Scarlett fosse filha única. Encarei a cruz acima da entrada de casa, rezando para que ela caísse quando eu batesse a porta e deixasse aquela vida no passado.

A liberdade deveria ser libertadora, mas isso não significa que ela não possa partir corações.

Vou encontrar meu próprio caminho agora.

— Vai me mantendo atualizado sobre a festa — peço a Scarlett.

Ela pega a jaqueta e apaga a luz.

— Falando nisso, eu deveria ter saído cinco minutos atrás. Te amo.

— Te amo igualmente — respondo com nossa expressão de gêmeos. — Dirija com cuidado.

— Como sempre!

Scarlett sempre dirige com cuidado mesmo. Mas isso não pode ser dito sobre os outros motoristas.

Em maio desse ano, ela quase morreu por causa de um motorista imprudente. Fui obrigado a imaginar o pesadelo que seria meu mundo sem o brilho dela, algo que nunca precisei viver já que nasci dois minutos antes de Scarlett. Nunca mais vou existir sem ela de novo. Tanto que o dia de hoje está esquisito para mim, já que ela não está aqui em Nova York, mas me sinto bem sabendo que minha irmã está viva e segura em Phoenix. Eu toparia até estar a planetas de distância dela, desde que Scarlett continuasse respirando do outro lado da galáxia.

A cirurgia salvou a vida da minha irmã, apesar de nossos pais alegarem ter sido Deus. Na época, agradei aos médicos e a Deus, mas hoje em dia tenho minhas questões com forças misteriosas. Isso inclui a Central da Morte, uma empresa que espera que nós acreditemos em seu serviço sem termos provas concretas. Parte de mim quer acreditar, mas a outra já viu por conta própria como a fé pode ser um tiro que sai pela culatra. Ao contrário dos meus pais, estou aberto a mudar de ideia para que eu nunca precise ter medo de perder minha irmã do nada. Talvez a gente saiba mais sobre isso daqui a alguns dias.

Deus abençoe quem...

Paro, ainda recalibrando tudo na minha cabeça e no meu coração.

Boa sorte para quem vai, basicamente, servir de cobaia para a Central da Morte.

Quanto a mim, eu renasci e ainda tenho muito para viver.

Em *Os dois morrem no final*, obra que já vendeu mais de 100 mil exemplares no Brasil, acompanhamos a história emocionante de Mateo e Rufus, dois jovens que decidem compartilhar seus últimos momentos e viver uma vida inteira em um único dia. Agora, Adam Silvera retorna com maestria ao universo que conquistou fãs no mundo inteiro, em uma trama que se passa sete anos antes do primeiro livro.

Na noite de 30 de julho de 2010, as pessoas se reúnem em diversas cidades dos Estados Unidos para a inauguração da Central da Morte, um serviço controverso capaz de informar se seus usuários terão um encontro prematuro com a morte ao longo das próximas 24 horas.

Orion Pagan espera há anos que alguém lhe diga quando vai morrer. Só assim ele conseguirá aproveitar um pouco a vida, sem o temor de não saber quando a doença grave que tem no coração o fará partir dessa para a melhor.

Receber uma ligação da Central da Morte é a última coisa que Valentino Prince deseja. Após deixar o Arizona e se mudar para Nova York, ele mal pode esperar para viver esse novo capítulo de sua história e realizar seus sonhos.

Sob as luzes da Times Square, Orion e Valentino se conhecem, e a conexão entre eles é imediata. Mas, à meia-noite, a primeira ligação da Central da Morte anuncia que um dos dois vai morrer em breve. Embora não saibam como — ou quando — o dia vai terminar, eles só têm uma certeza: querem ficar juntos até o fim.

O primeiro a morrer no final é uma história pungente e arrebatadora que narra o impacto indelével que deixamos na vida daqueles que amamos, a fugacidade do tempo e a força dos momentos que nos transformam para sempre.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/os-dois-morrem-no-final/>